

A pluriatividade como estratégia para os produtores familiares de comunidade rural

The pluriactivity as a strategy for family farmers of rural community

Auta Luciana Laurentino

Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE; especialista em Cultura Pernambucana, pela Faculdade Frassinetti do Recife – Fafire (2009); bacharel em Desenho Industrial/ Projeto do Produto, pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; professora substituta no Departamento de Expressão Gráfica da UFPE.

E-mail: autall@yahoo.com.br

Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida

Doutora em História Social, pela Universidade de São Paulo – USP; pós-doutora, pela Universidade de Coimbra; professora do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – Posmex da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE; pesquisadora ligada ao Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação – LEER/USP.

E-mail: ataide@hotlink.com.br

Resumo

Este trabalho consiste em um estudo que aborda as novas ruralidades, em que se apresenta a produção artesanal como uma das ocupações existentes nos espaços rurais, algo que está tornando possível a dinamização das famílias nas suas comunidades. Barra do Riachão, distrito de São Joaquim do Monte, em Pernambuco, foi o lócus da pesquisa. O referencial teórico privilegia as seguintes categorias: extensão rural, novas ruralidades, desenvolvimento local, além de cotidiano e imaginário. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que foram coletados os dados através de entrevistas semiestruturadas. Como resultado, a investigação acadêmica desvelou a necessidade de mais investimentos em políticas públicas voltadas à realidade do espaço rural.

Palavras-chave: Pluriatividade. Desenvolvimento local. Cotidiano. Artesanato.

Abstract

This paper addresses a study on new ruralities in which handmade production is presented as one of the existing occupations in rural areas that enable the dynamization of the families in their communities. Barra do Riachão, a district of São Joaquim do Monte/ PE, is the locus of this research. The theoretical framework emphasizes the following categories: rural extension, new ruralities, local development, and also everyday life and imaginary. This is a qualitative study in which data was collected through semi-structured interview. As a result, the research reveals the need for more investment in public policies related to the reality of rural areas.

Keywords: Pluriactivity. Local development. Everyday life. Drafts.

A pluriatividade como estratégia para os produtores familiares de comunidade rural

Este artigo traz parte da pesquisa de mestrado de uma de suas autoras, intitulada *A rede construída por nós: extensão rural, novas ruralidades e cotidiano em Barra do Riachão, Pernambuco*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – Posmex, da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, sob a orientação da Professora Dra. Maria das Graças Ataíde de Almeida.

O trabalho tem como enfoque um estudo sobre as novas ruralidades, em que se apresenta a produção artesanal como uma das ocupações existentes nos espaços rurais, realizada em Barra do Riachão, distrito de São Joaquim do Monte, distante 149 quilômetros de Recife. Configura-se a partir de um grupo que produz artesanato com a técnica da rede de pesca, atividade não agrícola, com o objetivo de gerar renda para as famílias e, assim, promover a dinamização e a manutenção das pessoas em seu lugar de origem. O objetivo da presente pesquisa foi analisar o projeto de *Design e artesanato* implementado nesta comunidade na perspectiva do desenvolvimento local¹.

O referencial teórico privilegia as seguintes categorias: extensão rural, novas ruralidades, desenvolvimento local, cotidiano e imaginário. Foram trazidos os conceitos de Del Grossi e Graziano da Silva (2002), Markus Brose (2004) e José Marcos Froehlich (2002) na perspectiva das novas ruralidades e as suas consequências; Callou (2007), Jesus (2003/ 2007) e Tauk Santos (2000/ 2002/ 2008) sob o âmbito do desenvolvimento local; Pierre Bourdieu (1989/ 1998/ 1996), enquanto teoria voltada ao capital social. Na categoria do cotidiano, foram consideradas as teorias de Michel de Certeau (2008/ 2009) e Almeida (1999/ 2000).

A metodologia aplicada tem, num primeiro momento, a realização de uma análise dos conceitos teóricos das categorias que dão aporte à pesquisa empírica. Nesta etapa, utilizou-se o recurso da história oral a partir de Paul Thompson (1992) e Ecléa Bosi (1994), com seus estudos sobre memória, que auxiliaram na pesquisa. Em seguida, analisaram-se ações, programas e oficinas realizados com os artesãos entre 2008 e 2010. Esta análise foi realizada a partir da observação e do uso de entrevistas na linha teórica da história oral.

¹ Esta ação atende a um grupo de artesãos de Barra do Riachão, distrito de São Joaquim do Monte, e envolve programas de instituições governamentais como a Universidade Federal de Pernambuco através do Programa Conexões dos Saberes e do Nusp – Núcleo de Saúde Pública, além da Prefeitura desta cidade. Este projeto de intervenção, do qual se participou em caráter voluntário, teve seu embrião desde julho de 2007, sendo agora trazido como trabalho de pesquisa ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Nessa conjuntura, elaborou-se uma pesquisa qualitativa, traduzida na percepção e nas representações de um grupo, uma vez que não se pode reduzi-la à execução de números e variáveis, como apresentou Minayo (1996) ao considerar os aspectos subjetivos numa pesquisa e trazê-los como “impossíveis de ser sistematizados em dados estatísticos” (*Idem*, p. 11).

A pesquisa de campo tem como lócus a comunidade de Barra do Riachão, em Pernambuco, onde foram coletados os dados através de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram aplicadas a moradores e artesãos da comunidade, por meio de um contato direto, o que possibilitou a compreensão das falas de forma espontânea para a realização das análises. Nesta fase, utilizou-se o recurso da gravação em áudio, que, segundo Richardson (1999), contribui para a confiabilidade dos dados. Para este autor, “no método qualitativo, existe uma relação muito próxima entre pesquisador e informante, o que possibilita informações detalhadas” (*Idem*, p. 87).

Dar aos atores sociais anônimos² a oportunidade de falar, os quais muitas vezes foram ignorados, até mesmo pelas ciências sociais, segundo Boaventura de Sousa Santos (2008), possibilita uma aproximação com o conhecimento prático e, desta forma, permite ampliar a concepção sobre os fatos. No seu livro *As vozes do mundo: reinventar a emancipação social para novos manifestos*, Santos apresentou 14 entrevistas de atores sociais de seis países (África do Sul, Brasil, Colômbia, Índia, Moçambique e Portugal), trabalhando com o conceito de senso comum, que anda concomitante com o de conhecimento científico. Santos afirmou ser o conhecimento científico limitado, tendo em vista que, apesar de toda a sua relevância, ele representa apenas uma das formas de conhecer o mundo:

[...] o reconhecimento e a valorização dos conhecimentos não científicos tornarão possível uma compreensão mais ampla do mundo e uma complementaridade entre conhecimento científico e não científico na tarefa de reinventar a emancipação social (SANTOS, 2008: 15).

Thompson (1992) entendeu que a entrevista desvela e faz documentos silenciados e negligenciados no cotidiano emergirem. Para o referido autor, a entrevista “propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados” (*Idem*, p. 25). Este estudo se apropria da história oral, através da técnica de entrevista aplicada a 13 pessoas eleitas em função de sua relevância na comunidade.

² Este tema foi tratado pelo autor Eric J. Hobsbawm (1999), em seu livro *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*, como também na obra *História em cousas miúdas*, dos autores Sidney Chalhoub, Margarida de Souza Neves & Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2005).

A pluriatividade como estratégia para os produtores familiares de comunidade rural

Dentre os sujeitos eleitos nesta pesquisa, num universo de jovens e adultos, destacaram-se duas pessoas com idade superior a 60 anos, Dona Rosa e Dona Amara, moradoras há mais tempo em Barra do Riachão, selecionadas para que se pudesse colher um olhar mais antigo sobre a produção artesanal na comunidade. Essa escolha justificou-se pelas experiências e lembranças que essas pessoas puderam trazer, de modo que, assim, contribuíram de forma relevante para a fundamentação da presente pesquisa. Nesta ótica, para Bosi (1994), as “memórias de velhos” se ocupam de forma consciente e atentamente do seu passado, da importância da sua vida e, portanto, suas lembranças tornaram-se “uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem” (*Idem*, p. 63).

A análise dos achados da pesquisa foi realizada com o aporte teórico metodológico da análise de discurso (AD) para a desconstrução da produção de discurso que compôs as entrevistas, à luz das categorias eleitas nesta pesquisa. Na perspectiva da AD, o discurso é desconstruído, interpretado, organizado a partir da construção de sentidos, possibilitando a indicação de categorias e linearidades que proporcionam a compreensão das relações de sentido, na produção do discurso em seu contexto. A análise de discurso, segundo Orlandi (2005), considera que a linguagem não é transparente e, desse modo, ela não procura desvendar o texto para encontrar um sentido puro e original do outro lado. Portanto:

A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive (...) o discurso é esse lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/ para os sujeitos (ORLANDI, 2005: 17).

Barra do Riachão possui 772 habitantes e dispõe, na sua infraestrutura, de energia elétrica, abastecimento de água e de algumas ruas calçadas. Em termos de instituições, organizações e comércio, possui uma associação (a Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Batente), duas igrejas, sendo uma católica e outra evangélica, uma unidade dos correios, um Posto de Saúde da Família (PSF) e uma escola pública (a Escola Intermediário Vitória Tenório Vaz), além de alguns pontos de comércio. Sua população sobrevive da agricultura e da pesca de subsistência, do artesanato e dos programas de apoio do governo (Programa do Leite, Bolsa-Escola, Vale-Gás e Programa de Saúde da Família, dentre outros). Nessa conjuntura, surgiu em 2002 uma associação – Associação dos Agricultores do Sítio Batente – com moradores inquietos, que sentiram a

necessidade de buscar mais recursos para melhorar a qualidade de vida das pessoas da comunidade.

A associação do grupo de artesãos recebeu da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, em 2007, um projeto de intervenção de *design*. Este projeto estimulou o surgimento de novos produtos artesanais e possibilitou a divulgação do grupo em outras cidades, através da participação em eventos e feiras. Após o desenvolvimento desta ação, percebeu-se que a gestão pública local, através da prefeitura, procurou se aproximar da comunidade e começou a querer se envolver, ou seja, o processo de investimento se inverteu. Esse movimento levou a Tauk Santos (2002), quando este explanou sobre a participação popular se sobressaindo da elite, das velhas identidades nacionais, em que o povo participa efetivamente da construção de sua cidadania, podendo levar ao fenômeno do desenvolvimento local. Esta participação acontece na comunidade de Barra do Riachão, onde os atores locais se estruturam e se mobilizam com base nas suas potencialidades e na sua cultura.

Foi direcionado o foco da pesquisa para os processos de envolvimento dos atores nas atividades não agrícolas, a produção artesanal. Isto confirma a revelação feita pelos estudos da extensão rural no âmbito do desenvolvimento local, nos últimos dez anos, que apontam as estratégias organizacionais das populações rurais:

[...] as formas associativas e cooperativas de produção se diversificam no meio rural; que enxerga o campo como território das culturas populares híbridas, abandonando a visão romântica das populações rurais imunes à cultura de massa; e que atua num cenário de embate das lutas populares na perspectiva da “concertação” e do desenvolvimento com sustentabilidade (CALLOU, 2007: 107).

Dessa forma, acerca das ocupações, buscou-se suporte nas teorias sobre novas ruralidades abordadas por Del Grossi & Silva (2002), essencialmente no texto “O Novo Rural: uma abordagem ilustrada”, em que os autores trabalharam os processos de transformações que ocorreram no meio rural brasileiro, a partir dos anos 1980, denominado de “Novo Rural”. São atividades voltadas para o setor econômico, algumas delas seculares e antes pouco valorizadas, que integram os três grandes grupos desta produção, em que se tem uma agropecuária moderna, baseada em *commodities* e ligada às agroindústrias; um conjunto de atividades não agrícolas; e um conjunto de novas atividades agropecuárias. Essas atividades estão fortalecendo o meio rural, através das novas ocupações e novas atividades agrícolas e não agrícolas, as quais geram emprego e renda, tornando o espaço rural um espaço que rechaça o êxodo para a cidade. Tais atividades levam as famílias que trabalham com atividades agrícolas para as pluriativas,

A pluriatividade como estratégia para os produtores familiares de comunidade rural

e depois para as não agrícolas, revelando a importância das fontes de rendas não agrícolas no espaço rural.

Brose (2004) contribuiu com esta discussão quando afirmou que, no Brasil, cerca de um terço da população nacional (81% dos municípios) é essencialmente rural. Com isso, o País tem uma das maiores populações rurais do mundo. No entanto, esta mesma população não tem acesso à terra e à educação pública. Nesta análise, ele enfatizou que o meio rural não é apenas agrícola. Este autor acentuou a inoperância do paradigma de desenvolvimento rural, o qual tem em seus cânones a produção voltada para o setor agrícola, onde não se vê a obtenção de resultados que promovam a melhoria na qualidade de vida destas populações, e que, inclusive, não reduziu a pobreza.

Ainda sobre o tema das novas ruralidades, Froehlich (2002) trabalhou a ressignificação dos discursos sobre o espaço rural, com a revalorização deste espaço. Todavia, ele chamou a atenção para o cuidado com os trabalhos escritos sobre o tema, que tratam as atividades não agrícolas como fenômeno para o desenvolvimento rural.

Por outro lado, este autor lembrou que se deve ter cuidado com os impactos gerados pela transferência de novas atividades para o rural, entendendo que estas atuam nos processos cotidianos e podem, muitas vezes, obrigar a população rural, principalmente os agricultores familiares e trabalhadores agropecuários, a se adaptar a novas situações sociais, através de imposições ou intervenções exógenas, que nem sempre lhes são favoráveis nos jogos de força sociais.

A aproximação com o grupo de artesãos vem promovendo transformações na arte de fazer peças artesanais, com o ponto de rede de pesca. Em adição às inovações nos produtos, pois a produção foi ampliada para peças utilitárias e decorativas (como capa para almofada, jogo americano, toalha de mesa, cortina, tapete), além de acessórios de moda (como bolsas, colares, boleros, blusas, faixas e tiaras), conta-se com a iniciação de pessoas jovens no artesanato, em sua maioria mulheres. As vendas desses produtos começaram a ser realizadas fora da comunidade, com uma abrangência maior nas cidades vizinhas e na capital do estado. Apesar de essa frequência ainda ser pequena, o que corresponde apenas à participação em eventos e feiras culturais, já representa ganhos para o grupo envolvido, pois antes eram produzidas apenas redes de pesca e vendidas em Agrestina ou Caruaru, que são cidades vizinhas a esta comunidade.

Os resultados para a produção artesanal, após a intervenção de *design*, começam a aparecer. O grupo, hoje denominado Arte Calango, participou da X e da XI Fenearte³, reali-

zadas no mês de julho de 2009 e 2010, no Centro de Convenções de Pernambuco, em Olinda, e desempenhou uma venda significativa para os artesãos. Apesar do resultado nesta feira e em outros eventos, essa dinâmica de produção, focada apenas em eventos pontuais, é, em alguns casos, desestimulante, pois as necessidades financeiras diárias fazem com que as artesãs, por exemplo, busquem ganhar dinheiro em outras fontes de atuação, como a coleta de produtos para reciclagem, a produção e venda de comidas como a tapioca, a costura e o plantio, dentre outras atividades presentes no cotidiano destas mulheres.

Em relação à comunidade, ainda não se pode assegurar ou negar a presença de benefícios. Porém, sabe-se que o fortalecimento da produção artesanal local estimula a geração de benefícios para a comunidade. Esse movimento de pessoas da localidade e a presença de instituições fazem parte de uma ação que tem a intenção de promover melhorias de vida nesse espaço rural. Assim, é possível trazer a definição de desenvolvimento local através das ideias de Jesus (2003), quando este afirmou que a efetivação do desenvolvimento é possível diante de

[...] um processo que mobiliza pessoas e instituições buscando a transformação da economia e da sociedade local, criando oportunidades de trabalho e renda, superando dificuldades para favorecer a melhoria das condições de vida da população local (Jesus, 2003:72).

Esse processo de dinamização do espaço, neste caso o rural, não deve sofrer transformação se não forem utilizados os recursos e as potencialidades locais. O capital social e humano, por exemplo, deve ser aproveitado e estimulado, pois muitas ações de intervenção são pontuais, ligadas a ações governamentais ou não governamentais, com prazos e investimentos limitados, determinados. Entrou-se na discussão sobre capital social por meio de Bourdieu (1998), que apresentou uma definição acerca deste tema em seu artigo “O capital social – notas provisórias”, como sendo

[...] um conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimentos e de inter-reconhecimentos ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998: 67).

Uma rede de relações, explicou este autor, é resultado de um trabalho de instauração e de manutenção, que é necessário para produzir e reproduzir relações duráveis e úteis, aptas a proporcionar lucros materiais e simbólicos. Entende-se que a associação presente em Barra do

³ Feira Nacional de Negócios do Artesanato.

A pluriatividade como estratégia para os produtores familiares de comunidade rural

Riachão – as pessoas que a integram – faz parte desse capital social da comunidade, e que esse potencial não se esgota nesse grupo. O que quer dizer que outros grupos, outras pessoas na localidade podem representar e desenvolver esse papel.

Assim, deve-se considerar que, para se gerar alguma transformação em um grupo ou localidade, a reprodução de uma relação durável e útil deve envolver e estimular as pessoas que integram os lugares a serem desenvolvidos. A relação institucional durável e útil também é possível, mas não se acredita que as ações pontuais sejam o caminho para essa relação.

Outra teoria que cabe trazer para esta discussão é sobre o lugar em que elas estão, o local onde residem e vivem, ou seja, o lócus. Para Michel de Certeau (2009), existe uma distinção entre lugar e espaço⁴, e esta distinção ajuda a entender que o lugar autoriza a distribuição dos “elementos nas relações de coexistência”, e assim “os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar ‘próprio’ e distinto que define” (*Idem*, p. 184, grifo do autor). O lugar é uma ordem que sugere um indício de estabilidade. Já o espaço faz referência às práticas vivenciadas no lugar, ou seja, “é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em uma unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 2009: 184).

Contextualizar a comunidade de Barra do Riachão só foi possível a partir do momento em que foram conhecidos alguns atores sociais que a integram. A etapa da realização das entrevistas possibilitou o acesso a informações que tornaram possível a concepção do desenho deste lugar. Os sujeitos como atores, não passivos, revelaram, a partir das suas crenças, idealizações, identidades e desejos, o significado do seu lugar. São indivíduos inseridos num espaço rural, fato que não os distancia do modelo de produção e consumo em que se vive, da necessidade por emprego, por reconhecimento e valorização, como também da necessidade de desenvolvimento da sua comunidade. Dos entrevistados escolhidos pode-se dizer que alguns são bem atuantes, e outros bem apáticos, quando se trata de buscar os seus direitos individuais e coletivos da comunidade. Neste sentido, o conceito de sujeito foi muito bem delineado por Wieviorka (2006), em sua obra *Em que mundo viveremos?*, onde ele expressou que ser sujeito

[...] é a capacidade de colocar em relação os dois registros que na existência de uma pessoa são-lhe dados como distintos e que, se não, correm o risco de uma dissociação

total: por um lado, sua participação ao consumo, ao mercado, ao emprego como atividade remuneradora, o acesso à razão instrumental, a pertinência a um mundo “objetivo”, e de outro lado, sua ou suas identidades culturais, o acesso ao trabalho como atividade criadora, sua religião, sua memória, sua vivência, suas crenças, sua subjetividade é também a possibilidade de escolher participar. Consumir, de ser um indivíduo racional e ao mesmo tempo optar por sua identidade, sua comunidade, sua memória, de fazer essas escolhas (WIEVIORKA, 2006: 51, grifo do autor).

Será possível ver algumas situações narradas pelos entrevistados, em que os sujeitos são reconhecidos e se reconhecem no dia a dia da comunidade. As escolhas em relação a mudar de cidade, o desemprego relacionado à ociosidade, o artesanato como uma possibilidade são algumas das experiências descritas.

As entrevistas realizadas com as pessoas da comunidade de Barra do Riachão mostraram, dentre outras informações, a importância do Rio Una na vida do lugar, o cultivo na agricultura, a religiosidade, o lazer, a arte, a educação, a saúde e o trabalho, dentre outros aspectos. Abriu-se a discussão para a questão do êxodo rural, da ocupação dos jovens e para a falta de políticas públicas apropriadas para o rural, mais especificamente para o espaço, no sentido de lugar dado por Certeau (2009).

A ligação do artesanato com o rio vem através da tradição artesanal da rede de pesca, artefato produzido pela comunidade para a pescaria de subsistência. Da mesma forma, o lazer está relacionado à pesca e ao banho de rio, principalmente nos fins de semana.

Uma das artesãs, Cícera⁵, falou da sua preferência pela pesca, atividade ligada ao rio, e o que faz quando se cansa de executar o seu artesanato:

Quando não estou com vontade de fazer isso aqui, eu paro e fico mais na beira do rio pescando, adoro pescar. É o mais que eu faço, adoro pescar. E, às vezes, assim, final de semana, como sempre aparecem as colegas, a gente sempre toma uma cervejinha, né? De vez em quando. É só, é isso que a gente faz (Cícera).

A pesca como lazer está presente também na fala de Marizete⁶, artesã experiente, que indicou as suas preferências e atividades do fim de semana:

⁵ Cíça, como se tornou conhecida, tem 32 anos, é casada, mãe de quatro filhos e dona de casa, integrando o grupo de artesanato da comunidade. É natural de Maraial e aprendeu o ponto de rede depois que chegou à Barra do Riachão.

⁶ Marizete tem 43 anos, é casada e mãe quatro filhos, integra o grupo de artesanato, está concluindo o ensino médio, é também auxiliar de enfermagem no PSF e pretende estudar Enfermagem. Aprendeu a fazer a rede de pesca com a família, mãe, tia e avó, ainda quando tinha cinco anos de idade.

⁴ Em sua obra *A invenção do cotidiano – 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009.

A pluriatividade como estratégia para os produtores familiares de comunidade rural

Fim de semana. Eu como não costumo beber muito fim de semana, se tem festa eu vou, se não tem, sabe o que eu estou fazendo ultimamente? Meus irmãos chegaram de São Paulo, aí nós pega (*sic*) o anzol e vamos pescar. Passa o sábado todinho pescando, e depois come, minha irmã que adora peixe. E jogo também, fico jogando baralho, jogando o jogo que os meninos aprenderam agora, chamado uno, às vezes também vou reunir meu grupo de escola pra fazer trabalho. Fim de semana é bem agitado (Marizete).

No fim de semana, o rio é espaço privilegiado de alguns moradores. É o que o lugar oferece aos seus residentes, e a atividade da pesca pode proporcionar um momento em família. Certeau (2008) explanou sobre o fim de semana, afirmando que o sábado e o domingo são dias que o indivíduo aproveita para se dedicar ao lazer individual e, tradicionalmente aos domingos, às atividades que envolvem seus familiares.

Mas nem todos fazem do rio o lugar de lazer e encontros. Nalva⁷ deixou bem claro que a poluição do rio afasta, para ela, qualquer possibilidade de uso:

[...] eu pra mim, eu não uso pra nada, viu. Eu tenho até pavor de água, como se diz a história, por que né?! Que a maioria aqui, os banheiros são tudo despejado dentro, entendeu? Eu sou assim, sou uma pessoa assim, que eu quanto mais distância, assim, contato dessa água do rio melhor será, pra mim é. Porque, quando falta água, menina, vixe Maria, fico é agoniadinha quando falta água. É porque a água do rio é muito suja... (Nalva).

Na comunidade, as casas são construídas umas de frente para as outras, como uma boa parte das cidades e dos lugares do interior que têm um rio na sua geografia. Nesse formato, as construções ribeirinhas dão as costas para o rio, que se torna o quintal delas. Há apenas três anos que a comunidade de Barra do Riachão tem água encanada. O abastecimento de água era feito através de carros-pipa, pois a água do rio não era, e ainda não é, apropriada para o consumo da população. Também há pouco tempo que as pessoas começaram a mudar a postura em relação ao rio, e incentivaram a sua não poluição. Segundo Marinalva⁸, a luta da comunidade, principalmente das mulheres, pelo direito ao abastecimento d'água foi frequente.

⁷ Nalva tem 38 anos, é solteira, mãe de dois filhos adolescentes, dona de casa, sempre produziu rede de pesca e pulsar, integra o grupo de artesanato da comunidade. Trabalhou em casa de família nas cidades vizinhas e, atualmente, se dedica ao artesanato. Está envolvendo a sua filha na produção artesanal.

⁸ Marinalva tem 50 anos de idade, é mãe de quatro filhos (Andreia, Arlane, Alice e André), é presidente da Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Batente e integra o grupo de artesanato da comunidade. Ela falou sobre a imigração, a pobreza, o problema das drogas, a falta de emprego, como também da falta de recursos e apoio da prefeitura.

A partir da apresentação desses problemas, que envolvem necessidades básicas para a promoção da qualidade de vida dos moradores, constatou-se o quanto a comunidade necessita de investimento nas mais variadas áreas. Contudo, saúde, saneamento e educação parecem ser as mais urgentes. Neste cenário, as lideranças do local têm consciência de que os projetos de intervenção, que chegam à comunidade, podem contribuir para esta promoção; no entanto, como a maioria das ações é executada de forma pontual, essa promoção fica comprometida.

Além dessas necessidades, viu-se que um dos pontos mais preocupantes para a comunidade, especificamente para as mães, está relacionado à ocupação dos jovens, ou melhor, a falta de ocupação destes, à deficiência de oportunidades para seu crescimento intelectual e profissional. No discurso da maioria das mulheres que são mães, a preocupação é com o futuro dos seus filhos. Todas reclamam da falta de chance e de emprego na comunidade e na própria São Joaquim do Monte. Essa carência está levando os jovens ao processo de imigração. Presenciou-se a angústia das mães que não podem impedir que seus filhos busquem trabalhar e estudar em outras cidades ou regiões do País.

Marinalva não escondeu suas preocupações e mostrou um grande desestímulo, pois ela é uma das mulheres que mais trabalha para que o artesanato da comunidade ganhe um novo formato, como também mercado. Conseguiu envolver muitas jovens dos sítios vizinhos, como forma de gerar oportunidade e renda para as pessoas do lugar. Contudo, ela sabe que esta ação ainda é insuficiente para estimular mudanças significativas, já que as áreas de carências são imensas:

O que é que adianta eu me preocupar hoje só com esse grupo Arte Calango, só com esse grupo desse tamanhinho vai resolver o problema? A gente vai ter o dinheirinho no bolso, pra quê? Pra depois o povo daqui mesmo vir e roubar? Se a gente não perceber, é assim que acontece, de lugares quando começa, essa pobreza continua hoje, naquele tempo morria pobre, as comunidades morriam mesmo de fome, morriam de fome e hoje é diferente, hoje vira favela, hoje vira favela!!! Não dá outra coisa, vira favela! Então a gente está assim... é com um pé no chão e outro na cova (Marinalva).

No que diz respeito à imigração, uma fala muito marcante foi a do Sr. Getúlio⁹. Este entrevistado é tio de Alice, que

⁹ O Sr. Getúlio tem 44 anos, é casado, pai de três filhos, aposentado [por invalidez, pois tem uma deficiência física], integra o grupo de artesanato da comunidade, no qual produz bolsas de palha do milho. Ele apresenta uma opinião clara sobre a questão da imigração do nordestino para o Sudeste, principalmente quando se fala da cidade de São Paulo. Preocupa-se também com o fim da agricultura familiar por falta do acesso à terra e de incentivos.

A pluriatividade como estratégia para os produtores familiares de comunidade rural

acabara de decidir ir para São Paulo. Ele tem uma ideia muito clara sobre a ilusão de buscar em grandes capitais a realização profissional e pessoal. Acha que é um engano, mas concorda que a escassez de emprego na comunidade é um fato muito relevante:

Então, é como diz a história, aqui tem muitos jovens, aqui que nem a gente vê que uma hora dessas está tudo parado aí, sentado nas calçadas, estão nas mesas de sinuca, jogando sinuca, jogando dominó, nas calçadas, batendo, soltando charada um pro outro, porque não tem um trabalho pra fazer, não tem um compromisso, uma obrigação, a fazer, porque aquele que tem um empreginho está no seu trabalho, cumprindo com o seu dever, não é?! **O que não tem fica aí com a cara de otário só batendo papo e esperando, é como se diz, comer o que tem, esperar o que vem pra comer amanhã ou depois** (Getúlio – grifou-se).

Grifou-se esta parte do discurso do Sr. Getúlio para materializar as ideias de Wieviorka (2006), que caracterizou o sujeito como negado, subtraído, privado de autonomia, por assim dizer, quando este não se enquadra nos modelos ditados pela sociedade, o modelo do consumo. Reconhecendo que o indivíduo tem as suas próprias convicções e valores, a sua liberdade pessoal, este autor afirmou que “não pode haver o sujeito pessoal sem o reconhecimento do sujeito no Outro” (*Idem*, p. 51). A fala citada acima exemplifica este reconhecimento do outro que, mesmo ciente da escassez de emprego, deprecia as ações dos seus vizinhos.

Conversou-se ainda com Dona Rosa¹⁰, comerciante da comunidade, e ela também falou da sua preocupação diante da saída dos jovens para outros municípios:

É... O povo, não veio mais ninguém, o povo, a metade foram se embora pra São Paulo, outros se mudaram pra Agrestina, outros pra Caruaru, e assim a rapaziada tão tudo trabalhando em Caruaru, aí o lugar fica esquisito, né?! Sem gente (Dona Rosa).

No que se refere ao debate teórico sobre juventude e juventude rural, foram trazidas as observações de Castro (2005), que abordou os paradigmas relacionados à juventude numa transição da infância à vida adulta, em detrimento da análise da categoria como ator social e da construção de identidades sociais.

Esta pesquisa também se reportou a Abramovay *et al.* (1998), através da sua abordagem sobre as mudanças ocorridas nos processos de sucessão, em regiões de pre-

domínio da agricultura familiar do sul do Brasil, ao procurarem sugerir a inserção de políticas que possibilitem a ampliação e as oportunidades de realização profissional dos jovens no mundo rural, de forma que venha a contribuir para o estímulo ao desenvolvimento no campo. Tais autores afirmaram, em seu trabalho, que um dos passos mais importantes neste sentido é a valorização de atividades rurais não agrícolas, principalmente para que as jovens mulheres rurais passem a ter interesse pela vida no campo, libertando-as, dessa forma, da necessidade de praticar a atividade agrícola, pois em suas pesquisas puderam observar que:

As moças deixam o campo antes e numa proporção muito maior que os rapazes. Este “viés de gênero” no êxodo rural não parece estar ligado a oportunidades particularmente favoráveis no mercado de trabalho urbano, mas à precariedade das perspectivas assim como ao papel subalterno que continuam a ter as moças no interior das famílias de agricultores (ABRAMOVAY *et al.*, 1998: 16).

Dentre os vários trabalhos e estudos realizados sobre os jovens rurais, destaca-se a pesquisa realizada no Estado de Pernambuco, por Wanderley (2007), que contou com a participação de 615 jovens, na faixa etária de 15 a 24 anos, moradores das zonas rurais de Glória do Goitá (zona da mata norte), Orobó (agreste setentrional) e Ibimirim (sertão do Moxotó). Esta pesquisa apresenta os desejos dos jovens em relação ao futuro, no que diz respeito ao lugar onde gostariam de morar e a profissão que gostariam de desempenhar. Várias informações importantes emergiram nesta atividade investigativa, uma delas explicando que, mesmo com todos os problemas e limitações no campo, a vida no espaço rural é, de forma positiva, valorizada por uma boa parcela de jovens. Proporciona, também, muito dos fatores que levam os jovens a escolherem o local para viver, e revela:

Os aspectos positivos aventados dizem respeito às raízes pessoais, aos laços familiares e de amizade, à proximidade da natureza e à qualidade da vida no campo. [...] Os aspectos negativos, que justificam a recusa de muitos outros a permanecerem no meio rural apontam, sobretudo, para as carências da vida local e, de modo especial, à falta de alternativas profissionais, que garantam, no local, oportunidades de emprego e renda, na agricultura ou fora dela. [...] Porém, as atividades não agrícolas, fora do estabelecimento familiar, que foram indicadas na pesquisa são, salvo algumas exceções, igualmente muito precárias, incapazes de abrir para os jovens novos campos profissionais (WANDERLEY, 2007: 33).

A maior aspiração dos jovens está diretamente relacionada a trabalho e remuneração, por isso os atrativos da vida urbana são convidativos, além das alternativas de lazer e estudos. Determinadas escolhas profissionais já demonstram a prioridade pela migração:

¹⁰ Dona Rosa tem 73 anos de idade, é mãe de Edileuza, tem três netos, é aposentada, não integra o grupo de artesanato da comunidade, possui um ponto comercial e fornece almoço. Ela estava com dengue quando cedeu esta entrevista aos signatários do presente artigo.

A pluriatividade como estratégia para os produtores familiares de comunidade rural

[...] dos que pensam em deixar seu local de origem: 33 (28,7%) querem tornar-se empresários, administradores ou abraçar profissões liberais; 21 (18,3%) pretendem trabalhar na educação ou na saúde; 18 (15,7%) querem ser esportistas, modelos ou artistas; 16 (13,9%) desejam seguir um ofício (serviços autônomos). Deste conjunto, 87 jovens (75,7%) não acreditam que possam realizar seu projeto profissional em sua comunidade (WANDERLEY, 2007: 29).

Na presente pesquisa, foram destacadas as oportunidades que surgiram para duas jovens, Alice e Pamela, as quais faziam parte do grupo de artesanato, e tiveram que tomar decisões bem diferentes. Alice tem hoje 18 anos, nasceu em Ibimirim¹¹, e morava em Barra do Riachão com a sua família desde os sete anos de idade. Sem ver perspectivas na sua comunidade, ao concluir os seus estudos do ensino médio, decidiu ir passar um tempo, indeterminado, em São Paulo. Como já tinha uma irmã trabalhando nesta cidade, entendeu como uma conveniência mudar de vida e arrumar um trabalho. Para ela, naquele momento, foi o mais interessante a fazer. Conversou-se com Alice dias antes da sua viagem. Ao falar da sua ida para São Paulo, durante seu encontro com os autores desta pesquisa, ela se apresentava muito nervosa, os seus lábios tremiam, mas, ao mudar de assunto, percebeu-se que a sua reação também mudava, ficava mais calma. Essa ruptura com o seu lugar de origem estava diretamente ligada à falta de oportunidade de trabalho e também de continuar estudando.

A segunda jovem, Pamela, demonstrava um grande entusiasmo. Hoje, com 19 anos de idade, solteira, veio de São Paulo com quatro anos de idade. Integra o grupo de artesanato da comunidade, sendo uma das responsáveis pela divulgação dessa atividade em eventos e feiras. Passou no vestibular pelo ProUni¹² no curso de Comunicação Social, com habilitação em Propaganda e Publicidade, de uma faculdade privada na cidade de Caruaru. O fato de estar entrando no curso com um mês e meio de atraso, por causa da burocracia, não tirava a sua empolgação. A integração neste curso universitário possibilitou a sua permanência na comunidade, pelo menos nesse período de faculdade, junto à sua família. Pamela vai poder realizar seus estudos por causa do sistema de seleção do ProUni, ou seja, por causa da efetivação de uma política pública para o setor da educação, voltada para os jovens.

¹¹ Situada no sertão do Moxotó, distante 339 quilômetros do Recife.

¹² O Programa Universidade para Todos (ProUni) tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação em instituições privadas de educação superior. Disponível em: <http://siteprouni.mec.gov.br/como_funciona.html>. Acesso em: 17 de junho de 2010.

O êxodo dos jovens da comunidade de Barra do Riachão para outras cidades da mesma região, capitais e grandes centros urbanos é uma realidade que está presente nas falas das mães e dos próprios jovens que nela permanecem. As jovens estavam juntas no momento da entrevista, como também um tio delas. Este tio pediu a palavra para colocar a sua opinião sobre a questão da imigração das famílias para São Paulo. Segundo ele:

Agora, dá licença pra eu dizer uma coisa? Mas é como diz a história, São Paulo já foi São Paulo. É melhor a gente viver uma vez só aqui do que viver duas vezes em São Paulo. Sabia disso? Por que teu pai já foi lá e hoje não é mais. São Paulo é hoje um lugar que o povo mais passa fome, por que quantos têm em São Paulo tudo desempregado, não é? O seguinte é esse. Quanto tempo teu pai passou em São Paulo? [...]

Agora vou dizer uma coisa: “teu pai lá em São Paulo não conseguiu nada, ele conseguiu alguma coisinha aqui”. Logo porque quando ele chegou aqui, ele tinha um padrinho forte que deu toda cobertura a ele, estás vendo? Foi o único jeito. Não tem esse que teve sucesso, aqui ninguém (Getúlio).

Esta fala deixou Alice apreensiva e perturbada. Lembra-se aqui a teoria de campo de Bourdieu (1996) e os conceitos estruturais, aflorados nessa teoria, quando se evidencia o espaço da família (o campo privado) e a sua inserção no espaço social (o campo público), retratado pela experiência de Alice em outro ambiente, fora do contexto da família, em que receberá influência de um outro lugar e de outros estilos de vida. A posição que ela irá assumir nesse outro espaço será indicada, diretamente, pela relação do capital econômico e do capital cultural, isto se dá porque:

O espaço social é construído de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em função de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação [...] o capital econômico e o capital cultural (BOURDIEU, 1996: 19).

Além da faculdade, percebe-se que Pamela enxerga mais uma possibilidade de crescimento junto ao grupo que produz o artesanato. Segundo ela, a ação de intervenção em *design* despertou esse interesse, pois antes não dava valor a essa atividade: “montar o artesanato, uma coisa que eu não sabia fazer, que é da cultura da minha mãe, mas não era a minha”. Ela explicou como surgiu seu interesse:

Comecei fazendo crochê. Mas prefiro a rede, porque crochê você não vê crescer, eu tenho pavor de crochê, eu faço, faço, faço e não vejo crescer, e rede não, você vai e num instante você faz. Então aquilo foi me estimulando, isso foi me estimulando. Foi tentando que eu sonhasse um dia entrar na federal, conhecer pessoas da federal e saber que eu sou capaz de poder fazer. Isso me, nossa...

A pluriatividade como estratégia para os produtores familiares de comunidade rural

melhorou em mim 100%. Enquanto o pessoal estava pessimista achando que não conseguia, eu achava que eu ia conseguir, eu tava ali, achava que eu ia conseguir. O artesanato me fez conhecer outros lugares, outras pessoas, fui pra feira de artesanato, é... conheci coisas que eu nunca saberia que poderia fazer com tal coisa, por exemplo, os brincos de escamas de peixe [...] (Pamela).

Mesmo com todos os avanços na prestação de serviços, através da presença de instituições governamentais e organizações não governamentais, na inserção de propostas políticas, programas e ações para a juventude rural, além das muitas discussões sobre as ocupações das pessoas nos espaços rurais, viu-se, nesta pesquisa, o quanto estamos longe de atingirmos o desenvolvimento desejado desses espaços, de forma que estimule a promoção da satisfação das necessidades dos indivíduos e, assim, a manutenção desses nos seus espaços de origem. Nesse contexto, percebe-se o quanto se faz necessário promover mais debates nacionais sobre a juventude rural brasileira.

Recorreu-se à fala de Carneiro (2007), ao abordar sobre os desejos dos jovens, no tocante à busca pelas suas realizações, seja no espaço urbano, seja no espaço rural:

Permanecer ou voltar para o campo não significa necessariamente uma derrota ou um fracasso para o jovem, mas pode ser resultado de uma escolha motivada pelo desejo de manter um padrão de vida possibilitado pelo fato de morar com a família, junto de amigos e parentes, compartilhando os mesmos códigos e valores, mas também ter acesso a determinados bens materiais e simbólicos que, até recentemente, só eram disponíveis nas cidades (CARNEIRO, 2007: 60).

Alice viajou para São Paulo em abril de 2010, com a perspectiva de voltar em junho daquele mesmo ano, mas isto não aconteceu. Atualmente, trabalha como atendente em uma lanchonete dentro de um restaurante em São Paulo, com uma carga horária de 11 horas por dia, de terça a domingo. Segundo ela, as três horas a mais no seu horário de trabalho equivalem ao pagamento da sua alimentação diária e ao alojamento no próprio restaurante, o qual dispõe de uma estrutura que acomoda todos os funcionários.

Após seis meses de carteira assinada, ganhando um pouco mais que um salário mínimo, Alice conseguiu voltar de férias (um recesso de 15 dias) para visitar a família, junto com sua irmã. Voltou-se à Barra do Riachão, para uma conversa com ela, em fevereiro de 2011, e viu-se que, por enquanto, sua permanência em São Paulo se efetivou, pois a jovem demonstrou satisfação ao falar do seu emprego e da vida nesta capital. Apesar da carga horária excessiva de trabalho diário, Alice revelou-se deslumbrada com a ci-

dade grande, e o fato de ter um trabalho formalizado contribuiu para esta conjectura, não fornecendo razões para que ela considerasse que estar junto da família e, talvez, desenvolvendo um trabalho numa cidade da região ou na própria comunidade lhe garantisse uma melhor qualidade de vida (WANDERLEY, 2007).

Já Pamela sentiu muita dificuldade no começo do curso universitário por ter entrado com um mês e meio de atraso, mas agora, com a sua situação normalizada, está acompanhando todas as atividades de forma satisfatória. Contudo, mesmo cursando uma faculdade, ou seja, investindo em uma realização profissional, ela sabe que os desafios pela frente serão muitos, pois, na sua própria família, tem uma irmã que concluiu o curso de Pedagogia, isso já faz dois anos, e não consegue trabalho; então, ela estuda para fazer concursos, inclusive para outras cidades. Hoje, Pamela estuda e trabalha em Caruaru.

A necessidade de se ter um emprego, ou trabalho, na comunidade é grande, e está presente no discurso de todos os entrevistados. São várias as áreas de carência em Barra do Riachão. Contudo, pode-se considerar um ponto de partida o investimento na produção artesanal local. Marizete passou a considerar o artesanato como uma ação inicial, sugerindo a criação de outros setores de produção, e de uma maior participação da população, o que estimularia, dessa forma, a promoção de melhorias para todos:

O que a gente precisa melhorar é achar um meio de ter emprego pra esses jovens. Ter um trabalho pra esses meninos fazer, porque tem muita gente se formando. Tem muita gente que ainda não está se formando, mas está concluindo, e não tem trabalho. Eu acho que o meio seria a cooperativa. Formar uma cooperativa de artesanato, incluindo os jovens, aí podia ter reciclagem, porque numa cooperativa tem várias coisas. Não só vai ter artesanato, não é? Aí vai existir a área de reciclagem, vai existir embalagem, vai existir um monte de coisa, máquinas... (Marizete).

Em relação à produção artesanal, conversou-se com a artesã Nalva sobre a sua participação e percebeu-se que ela entendia a confecção de novos produtos como uma oportunidade de crescimento. Falou-nos que integrava o grupo Arte Calango desde o início, e que, a partir da intervenção de *design*, observou outras formas de aplicar a técnica, e outros caminhos possíveis para a comercialização:

Eu nasci fazendo rede, como se diz a história. Rede, puça, essas coisas assim, né?! Já fazia, aí nós só fizemos o quê? Só transferimos a mudança da rede pra roupa, colar, é... bolero. Nós só trabalhava (*sic*) com esse negócio, só de rede de pesca. Nós só fazia e vendia (*sic*) em Caruaru esse negócio de rede e puça, aí agora nós vivemos participando de muitas coisas (Nalva).

A pluriatividade como estratégia para os produtores familiares de comunidade rural

Dona Amara¹³ compartilhou da mesma ideia de Nalva. A sua produção sempre foi rede de pesca, e agora produz peças que são feitas em menos tempo, utilizam menos material e o preço cobrado estimula mais a confecção. Embora, pela sua tradição, ela tenha explicado que continuava confeccionando as redes, indicou o local em que comprava a matéria-prima e onde vendia a rede pronta, o seu preço e o tempo de execução da peça. Em relação aos novos produtos, como colar e faixa, considerava bom o seu envolvimento:

Faço rede também, quando falta fio aqui, eu compro fio e faço rede, daqueles fios que vendem lá no armazém. E vendo lá no armazém mesmo em Caruaru. Eu vendo por 15, por 13, 14. Eu... se eu for fazer mesmo, com uma semana eu faço uma rede.

Isso aí é bonzinho, a gente faz as coisas em casa e vai começa um colar, não é? Termina logo (Dona Amara).

Contudo, o grupo depende muito de parcerias e da participação em feiras. Não existe, além disso, um local apropriado ou representantes para as vendas. Esse fato desestimula algumas participantes. Percebe-se que um dos problemas enfrentados pelo grupo é a pouca frequência das vendas, o que implica baixa remuneração. Como se caracteriza nas falas abaixo:

Eu acho bom, né? A gente trabalha devagarzinho, só não é bem bom porque nós custa (*sic*) pegar num dinheirinho, né?! Demora (Dona Amara).

Eu tenho esperança que vá pra frente, né?! Que não acabe como se diz a história. Porque ninguém ganha muito, né?! Mas, pouco, e só em tá reunido, é importante, não é?! (Nalva).

Marizete explicou que a rede, para a comunidade, tem um grande valor pela tradição. A técnica sempre foi repassada de geração a geração. Essa tradição se confirma quando ela disse:

Ah! Eu era pequenininha, acho que eu tinha uns cinco anos, quatro, cinco, eu já nasci dentro disso. Já nasci vendo minha avó, minha tia, minha mãe, todo mundo fazendo. As pessoas ainda fazem. Ainda continuam fazendo, dez, 12 pessoas ainda fazem. Minha mãe mesmo não deixa de fazer (Marizete).

Contudo, ao ser questionada se continuava confeccionando a rede, ela declarou:

Não. Eu fazia. Eu fazia antes do projeto de Marinalva, eu fazia rede. Antes de ter a Arte Calango, mas agora eu não faço mais não, agora eu faço peça só pro grupo (Marizete).

Marizete é uma das artesãs mais atuantes e, no momento em que ela afirmou não estar mais produzindo este tipo de peça, entendeu-se que seja por causa da visibilidade que as novas peças lhe dão. Da mesma forma, observou-se como uma ação de intervenção influencia as concepções, os interesses e as ocupações das pessoas nos seus lugares.

Apresenta-se, neste artigo, o contexto atual da comunidade de Barra do Riachão. Esta descrição permite afirmar que se trata de uma população ainda muito carente, de baixa renda, com a presente força do desemprego, também com um intenso movimento de imigração dos jovens, que possui necessidades de melhorias na saúde, na educação, na cultura da agricultura e no saneamento básico. Contudo, as pessoas adoram o seu lugar, tentam sobreviver da arte manual, acreditam nas intervenções e enxergam-nas como oportunidade para a comunidade e, principalmente, para a manutenção dos jovens na sua terra. Viu-se que a produção artesanal é apenas um dos processos de produção de Barra do Riachão, o qual precisa passar ainda por melhorias, adquirir estabilidade de grupo, de produção e de mercado.

¹³ Dona Amara tem 68 anos, é viúva, aposentada, mãe de seis filhos (três moram em São Paulo) e dona de casa, sempre produziu rede de pesca e pulsar, integra o grupo de artesanato da comunidade. Trabalha até hoje na agricultura.

A pluriatividade como estratégia para os produtores familiares de comunidade rural

Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo (coord.); SILVESTRO, Milton; CORTINA, Nelson; BALDISSERA, Tadeu; FERRARI, Dilvan & TESTA, Vilson Marcos. *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: Unesco, 1998.
- ALMEIDA, Maria das Graças A. Ataíde de. A construção da imagem do MST pela imprensa. In: NOVAES, Ana Maria & Barros, Henrique M. de (orgs.). *Novas perspectivas sobre a produção social da agricultura do Nordeste*. Recife: Apipsa/UFRPE, 1999.
- ALMEIDA, Maria das Graças A. Ataíde de & PEDROSA, Cristiana. *Extensão rural cotidiano e ONG: um estudo de caso das mercês Cabo de Santo Agostinho – PE*. 2000. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Programa de Pós-Graduação em Administração Rural e Comunicação Rural da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife: CMARCR-UFRPE.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *O poder simbólico: memória e sociedade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre & DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BROSE, Markus (org.). *Participação na extensão rural: experiências inovadoras de desenvolvimento local*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.
- CARNEIRO, Maria José. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, Maria José & CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CALLOU, Angelo Brás Fernandes. Extensão rural: polissemia e resistência. In: CALLOU, Angelo Brás Fernandes *Extensão rural: polissemia e memória*. Recife: Bagaço, 2007.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização*. 6. ed. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2006.
- _____. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- CASTRO, Elisa Guaraná de. *Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural, contribuições para o debate*. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2005.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza & PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas*. Campinas: Unicamp, 2005.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 2006.
- DEL GROSSI, Mauro Eduardo & SILVA, José Graziano da. *O novo rural: uma abordagem ilustrada*. Londrina: Iapar, 2002.
- FROELICH, José Marcos. *Turismo rural e agricultura familiar: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o desenvolvimento local*. São Paulo: Intercom; Recife: Bagaço, 2002.
- HOBBSAWM, Eric J. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- JESUS, Paulo de. Sobre desenvolvimento local e sustentabilidade – algumas considerações conceituais e suas implicações em projetos de pesquisa. In: PEDROSO, Ivo V.; MACIEL FILHO, Adalberto R. & ASSUNÇÃO, Luiz Márcio de O. *Gestão do desenvolvimento local sustentável*. Recife: Edupe, 2007.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1996.
- ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso. Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *As vozes do mundo: reinventar a emancipação social para novos manifestos*. Porto: Afrontamento, 2008.
- TAUK SANTOS, Maria Salett. Comunicação rural – velho objeto, nova abordagem: mediação, reconversão cultural, desenvolvimento local. In: LOPES, Maria Immacolata V. de; FRAU-MEIGS, Divina; TAUK SANTOS, Maria Salett (orgs.). *Comunicação e informação. Identidades e fronteiras*. Intercom. São Paulo/Recife. 2000.
- _____. *Desenvolvimento local e cidadania: desafios e estratégias de comunicação da gestão participativa popular da Prefeitura de Camaragibe/PE*. In: VI CONGRESSO DA

A pluriatividade como estratégia para os produtores familiares de comunidade rural

ASSOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN – ALAIC. Santa Cruz de La Sierra: Alaic, 2002.

_____. Receptores imaginados: os sentidos do popular. *In: XVII ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS. Grupo de Trabalho: Recepção, usos e consumo midiáticos. Anais...* São Paulo: Unip/Compós, 2008.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. *In: CARNEIRO, Maria José & CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

WIEVIORKA, Michel. *Em que mundo viveremos?* São Paulo: Perspectiva, 2006.